

## LE VASE BRISÉ

*René Armand François Prudhomme\**  
*Tradução de André Luiz Pereira Spinieli\*\**

O vaso onde morre esta verbena<sup>1</sup>  
*Le vase où meurt cette verveine*

Com um golpe de leque<sup>2</sup> foi quebrado  
*D'un coup d'éventail fut fêlé*

O golpe quase não o tocou  
*Le coup dut effleurer à peine*

Nenhum barulho o revelou.  
*Aucun bruit ne l'a révélé.*

Mas a pequena ferida,  
*Mais la légère meurtrissure,*

Mordendo<sup>3</sup> o cristal a cada dia,  
*Mordant le cristal chaque jour,*

Num caminhar invisível e seguro  
*D'une marche invisible et sûre*

Lentamente se virou.  
*En a fait lentement le tour.*

Sua água fresca se foi gota a gota,  
*Son eau fraîche a fui goutte à goutte,*

A linfa das flores está esgotada;  
*Le suc des fleur s'est épuisé;*

---

\* Nasceu em Paris, no dia 16 de março de 1839. Recebeu, desde muito cedo, a alcunha de Sully Prudhomme, em especial homenagem a seu pai, que fora comerciante. Anos mais tarde, em 1865, após estudar Direito e notar sua inclinação para a poesia, escreve e publica sua primeira obra, denominada *Stances et Poèmes*, algo como “Estrofes e Poema”, numa tradução livre do francês para o português. Daí em diante se vincula à escola parnasiana francesa, que, naquele tempo, era responsável pela publicação da revista *Parnasse Contemporain*. Curiosamente, em 1901, o autor recebeu o primeiro Prêmio Nobel de Literatura, o qual persiste até os dias atuais. Seis anos mais tarde, o poeta francês faleceu na cidade de Châtenay-Malabry. O presente poema foi publicado, primeiramente, na sobredita obra poética, de 1865.

\*\* Graduando de Direito pela Universidade Estadual Paulista em Franca (UNESP). Pesquisador nas áreas de Direito Penal, Criminologia e Direitos Humanos. Tradutor e intérprete nos idiomas inglês, espanhol e francês.

<sup>1</sup> O poema original faz referência à “verbena”, que se aproxima da violeta (tanto é, que muitas traduções feitas em outras línguas - em inglês e italiano, principalmente - a citam diretamente), que é conhecida por suas propriedades afrodisíacas e mágicas. Evidente, porém, que, ao citá-la, o autor transparece o ar de aborrecimento que persiste até o fim do poema.

<sup>2</sup> O termo “éventail” se refere a “leque”. Todavia, outras traduções já existentes em outras línguas a colocam como “batida de asas” ou “fã de senhora”.

<sup>3</sup> Apesar de soar estranha a colocação do verbo “morder” à primeira vista, o autor demonstra que a “ferida” naquele vaso - o ser humano - insiste em ali ficar e continuar lesando-o.

Ninguém ainda duvida,  
*Personne encore ne s'en doute,*

Não o toque, ele está quebrado.  
*N'y touchez pas, il est brisé.*

Por muitas vezes também, a mão que amamos  
*Souvent aussi la main qu'on aime*

Escovando o coração, machuca-o<sup>4</sup>;  
*Effleurant le cœur, le meurtrit;*

Então, o coração se dissolve por si mesmo,  
*Puis le cœur se fend de lui-même,*

A flor do seu amor pereceu;  
*La fleur de son amour périt;*

Sempre intacta aos olhos do mundo,  
*Toujours intact aux yeux du monde,*

Ela pode crescer e chorar num sussurro  
*Il sent croître et pleurer tout bas*

Sua ferida fina e profunda:  
*Sa blessure fine et profonde:*

Ele está quebrado, não o toque.

Recebido: 21/09/2017

Aceito: 23/12/2017

---

<sup>4</sup> No curso do texto, Prudhomme retrata a fragilidade humana, valendo-se da metáfora do vaso de verbena. É possível perceber tal viés quando ele escreve « *Souvent aussi la main qu'on aime, effleurant le cœur, le meurtrit.* ». Realizando um paralelo com o Direito, é possível notar que Prudhomme faz referência, ainda que por linhas indiretas, àquilo que hoje conhecemos como “honra subjetiva”, isto é, o conceito que a pessoa faz de si mesma acerca das qualidades físicas, morais e intelectuais. Nesse sentido, ainda, clássica a proclamação do filósofo alemão Arthur Schopenhauer: “A honra é, objetivamente, a opinião dos outros acerca do nosso valor, e, subjetivamente, o nosso medo dessa opinião”.